

PAI DE SANTO NA ALFÂNDEGA

Os salões de embarque e desembarque do aeroporto, quando não têm voos indo ou vindo, ficam completamente vazios e silenciosos. Em poucos instantes, porém, na chegada ou partida das aeronaves este silêncio se transformava num burburinho crescente no vai e vem dos funcionários, passageiros e bagagens. Novamente a área se esvaziava e voltava ao latente estado de serenidade.

O inspetor Celino, da Alfândega, estava perto de se aposentar. Por décadas perambulava por aqueles corredores atuando como fiscal aduaneiro, verificando bagagens, liberando, retendo ou apreendendo produtos, eventualmente até pessoas, que aparentemente infringiam as regras,

Ele tinha uma personalidade peculiar que se mostrava por seu temperamento excessivamente místico como umbandista fervoroso. Seu corpo era parcialmente coberto por tatuagens ligadas ao seu culto e que descritas por ele, cada uma tinha um significado espiritual. Celino também se achava sensitivo, um “*medium*” que percebia as vibrações positivas ou negativas nas pessoas e no ambiente. Devido a isso sempre portava bastões de incenso que vez por outra acendia nos recintos onde percebera más vibrações.

“Um aeroporto é um local de encontro de muitas forças espirituais trazidas pelos viajantes de toda parte”, costumava explicar aos colegas.

Discretamente ele colava nas paredes destes lugares figuras e desenhos feitos especialmente por pais-de-santo seus conhecidos como amuletos para bloquear a ação de maus espíritos. Ele também perscrutava os rostos dos passageiros procurando indícios de influência destes espíritos “elementais” como costumava explicar. Aparentemente quando achava um caso ele com alguma discricção fazia gestos cabalísticos em torno do passageiro para afastar tais espíritos. Os colegas mais antigos já percebiam isto e não se importavam desde que não assustassem os passageiros. Os colegas mais novos sempre perguntavam o que eram aqueles gestos. Celino explicava educadamente e, orientados pelos mais velhos, todos conviviam pacificamente. Uma única vez um inspetor radicalmente “crente” pedira transferência por conta disto. O Celino, entretanto, era muito respeitado por todos pela justeza de caráter e bons resultados na profissão.

As práticas umbandistas do Inspetor, ao longo dos anos foram se aperfeiçoando e se tornando mais conspícuas.

Em certa ocasião, eu cruzava o salão de desembarque, totalmente vazio, silencioso e com as luzes reduzidas quando vi a silhueta do Celino zanzando de um lado a outro, fumando um charuto e balbuciando palavras incompreensíveis. Me aproximei dele e perguntei se estava tudo bem. Ele não respondeu e continuou na sua faina espiritual. Percebi que ele estava numa espécie de transe, incorporando alguma entidade sobrenatural e julguei não ser oportuno interrompê-lo. Esperei um bom tempo até que ele desincorporasse e logo assim que me viu falou:

- Obrigado por não ter me interrompido. Era um “encosto” poderoso que veio no voo do Japão. Aliás é de lá que vêm os piores espíritos.

- *É mesmo?* – respondi sem muita convicção.

- *Se é! São espíritos errantes desde a bomba atômica.*

Não estiquei muito a conversa, nos despedimos e eu deixei o salão com o Celino e suas assombrações.